

## Sobre linguagens, mídias e controle

Mayra R. GOMES

Departamento de Jornalismo e Editoração da Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo  
São Paulo-SP, 05508-020/ Brasil

e

Andrea LIMBERTO

Departamento de Jornalismo e Editoração da Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo  
São Paulo-SP, 05508-020/ Brasil

### RESUMO

Neste artigo tecemos considerações sobre o ensino das teorias, em nível de graduação no ensino superior, que se desenvolveram sobre linguagem a partir de meados do século passado, pois somos responsáveis pela ministração de disciplinas no Departamento de Jornalismo e Editoração da ECA-USP, justamente sob a rubrica de Ciências da Linguagem. Tais teorias convergem, no que tange a compreensão do ser humano, como nos diria Jean François Lyotard, à condição de uma segunda natureza assumida a partir da incorporação de linguagens. Assim, junto a nossos alunos, percorremos o papel das linguagens na captação das coisas do mundo, na cognição de materialidades e de abstrações conceituais, no estabelecimento da relação entre objetos, na realidade, em seu papel na própria conformação de objetos.

**Palavras-chave:** Educação, Sistemas de Informação, Linguagem, Interdição, Mídias Digitais.

### 1. INTRODUÇÃO

O ensino das teorias que se desenvolveram sobre linguagem a partir de meados do século passado, em nível de graduação no ensino superior, pois somos responsáveis, em parceria com a Profa. Dra. Rosana de Lima Soares, pela ministração de disciplinas, no Departamento de Jornalismo e Editoração da ECA-USP, justamente sob a rubrica de Ciências da Linguagem, demanda um triplo esforço.

Em virtude da natureza do Departamento a que estamos vinculadas, cabe a nós o ensino/explicação das teorias sobre linguagens e, ao mesmo tempo, mostrar a emergência, na produção jornalística, dos sinais que apontam para a pertinência de teorias e conceitos em relação aos casos do mundo e das mídias que os relatam.

Por outro lado, já que temos o foco em linguagens, o que implica inevitavelmente a abordagem dos meios e suportes que as viabilizam, realizando-se em comunicação, não podemos passar ao largo das TICs. Como se sabe, estas ocupam um papel central nas salas de redação e edição, no jornalismo em geral, uma vez responsáveis pelas diversas formas que ele hoje assume, assim como em nosso cotidiano. Sobretudo, no

ambiente pedagógico, as tecnologias de comunicação entram naturalmente como novos instrumentos educacionais.

Procuramos cumprir essa tripla tarefa com o trajeto que expomos a seguir. No que tange o conteúdo teórico, partimos da constatação de que as ciências da linguagem convergem, desde a segunda metade do século passado, para a compreensão do ser humano, como nos diria Jean François Lyotard, em termos de uma entidade que assume sua natureza, ou uma segunda natureza, a partir da incorporação de linguagens.

Que chamaremos de humano no homem, a miséria inicial de sua infância ou sua capacidade de adquirir uma “segunda” natureza que, graças à linguagem, o torna apto ao compartilhamento da vida em comum, à consciência e à razão adultas?<sup>1</sup> [1]

Assim, junto a nossos alunos, percorremos o papel das linguagens na captação das coisas do mundo, na cognição de materialidades e de abstrações conceituais, no estabelecimento da relação entre objetos, na realidade, em seu papel na própria conformação de objetos.

Começamos do começo, ou seja, examinando algumas condições cognitivas que aprendemos com os estudos de linguagem. Em algum momento, ao redor de 1 e meio milhão de anos atrás, o homem, como espécie, constituía-se. Em virtude do aumento e diversificação da massa craniana, de uma morfologia que lhe permitia acesso a um tipo de raciocínio que chamamos simbólico, esse homem ancestral tinha as condições para uma provável competência linguística, que só se realiza com raciocínio acima mencionado. Estamos, portanto, no panorama da linguagem concebida como “propriedade elementar que também parece ser uma propriedade biologicamente isolada” [2].

Ele, o raciocínio, é o que permite representação e comunicação; a ele se devem cognição e preservação dos conhecimentos alcançados. Ele se constitui simplesmente como uma operação conjunta que implica, ao mesmo tempo, diferenciação de objeto (evento ou situação em relação a similares), abstração desse objeto/elemento de suas condições naturais (suas existências/ocorrências no mundo) e substituição/representação

<sup>1</sup> Do original: “Qu'appellera-t-on humain dans l'homme, la misère initiale de son enfance ou sa capacité d'acquérir une "seconde" nature qui, grâce au langage, le rend apte au partage de la vie commune, à la conscience et à la raison adultes?”

por outro elemento que torne presente o primeiro em outros espaços e condições. Em resumo, a instituição de uma relação integradora entre as palavras e as coisas.

Ora, a base dessa operação, o processo de diferenciação, só se atualiza com o apontamento de opostos, de modo a estabelecer uma função de conjuntos. Trata-se do agrupamento dos semelhantes entre si *versus* o agrupamento de outros semelhantes entre si, e a cada vez desdobrar semelhanças e diferenças, internas e externas, no afã de explicar a relação de oposição que permite a consolidação de um elemento em relação a outros.

Com isso, é como se a realidade fosse reticulada e quadriculada, cada quadrículo um elemento, como seus componentes internos e opostos adjacentes, seu significado e seu sentido. É assim que captamos o mundo, tudo transmutado em um quadrículo com seu respectivo nome, que podemos invocar a cada vez, para que ele venha nos servir. O efeito de conjunto é a produção de uma realidade compartilhada, a formar o tecido social:

Os símbolos são os instrumentos por excelência da 'integração social': enquanto instrumentos de conhecimento e de comunicação, eles tornam possível o *consensus* acerca do sentido do mundo social que contribui fundamentalmente para a reprodução da ordem social: a integração 'lógica' é a condição da integração "moral" [3]

Ora, a integração lógica diz respeito à confluência, em virtude de um princípio operacional que marca o jeito da humanidade aprender o mundo, o jeito de controlá-lo, o jeito de submetê-lo, pela diferença e segmentação.

Estas questões tão complexas, assim postas e resumidas, podem parecer um tanto evasivas. Por isso, apelamos ao olhar que desconfia e questiona, convidando-o a revisitar as cotidianas e banais divisões que compõem nossas existências. De um estacionamento com vagas indiscriminadas, passa-se a outro que reserva espaços para deficientes (posteriormente denominados cadeirantes); segue-se um outro tipo com vagas para idosos (que por sua vez devem obter documento, a ser colocado no painel do carro, que os ateste como tal) e vagas, mais recentemente, destinadas a gestantes. Estamos, sem perceber, porque nos parece justo e de princípio, em plena sanha das diferenciações, oposições, desdobramentos de segmentações, significados e controles.

Os significados dizem respeito a existências a partir de representações que não aderem às coisas a não ser por um efeito de catóptrica. Eles seguem regimes das necessidades, das circunstâncias e dos desejos. A realidade do mundo pela linguagem é da ordem da cultura que se consolida entre repetição e ressonância através dos tempos. Ela é impessoal, ao mesmo tempo com a participação de todos, voluntariamente ou não, colaborativamente ou não. É por isso que Deleuze nos diz "a linguagem é um imenso há na terceira pessoa..." [4]

Claro que, em nossas aulas, nos aventuramos pelo empreendimento infundável que consiste em acompanhar blocos significantes e suas funções sociais de familiarização com o novo ou o inusitado, de rápida apreensão e resposta, enfim, de sua organização em protótipos e estereótipos que imprimem sentidos estáveis às coisas, como muito bem nos explica a psicologia social inspirada em Serge Moscovici.

Mas, em meio a essas explorações, passamos a focar as organizações de grande porte que nos instruem sobre visões de mundo, sobre ideologias e epistemologias, portanto, concentramo-nos em discursos e formações discursivas. Interessa-nos, em se tratando de uma reflexão sobre a produção jornalística, sobretudo, os discursos circulantes nos termos enunciados por Patrick Charaudeau, que, por um lado, sobredeterminam nossas visões de mundo, conseqüentemente, nossas ações, e, por outro lado, são o lugar de disputa por hegemonia e poder.

"O discurso circulante é uma soma empírica de enunciados com visada definicional sobre o que são os seres, as ações, os acontecimentos, suas características, seus comportamentos e os julgamentos a eles ligados" [5]. A alusão à criação na linguagem, do mundo a ser vivido, e à sobredeterminação dos discursos nos levam à preocupação que, de fato, acompanha a totalidade de nossa atividade docente, a saber, as restrições impostas aos e pelos discursos, o cerceamento da palavra, as proibições e exclusões.

Pois, com o atestado de existência que determina significados e sentidos (usos e destinos implicados), estamos em pleno campo da supervisão. É por isso que, a cada segmentação, a cada quadrículo, a cada repetição e reafirmação de um segmento, corresponderá um dispositivo disciplinar, com estratégias de contenção e regulação, nos moldes propostos por Foucault: "A disciplina exerce seu controle, não sobre o resultado de uma ação, mas sobre seu desenvolvimento. (...) A disciplina é uma técnica de poder que implica uma vigilância perpétua e constante dos indivíduos" [6].

Procuramos mostrar os índices desse controle casual, que começa e termina nas identificações, com as quais nossa visão se mancha ao ponto da cegueira para a existência dos próprios processos que alavancam os discursos circulantes.

## 2. DOS MEIOS

Ora, esse caminho pedagógico não pode ser trilhado sem a consideração pelos suportes e meios, pois, afinal, as básicas e amplas categorizações das linguagens – verbal, oral, imagética, áudio, visual, ou áudio visual – foram edificadas em torno do apontamento de suportes e meios.

Por suportes e ou/meios, entendemos aqui a materialidade, ou natureza, assim como a forma, das instâncias que permitem a comunicação. Por exemplo, o papel como suporte para a manifestação escrita da linguagem verbal, a escrita como derivação da linguagem verbal, e a linguagem verbal como forma ligada à manifestação oral, dependente de um aparelho fonador. Nesse apontamento, podemos ver o trânsito entre suporte e meio que brota de uma coalizão ligada a modos de representação, ao corpo e aos aparatos técnicos que a ela se prestam.

Muitos pensadores na área da semiótica se debruçaram, ou ao menos falaram de passagem, sobre o fato de que o caminho civilizatório está absolutamente vinculado à criação de meios que permitem uma progressiva liberação da comunicação com meio e suporte no corpo, aos moldes da linguagem verbal com suporte e meio no aparelho fonador.

Entre tais estudiosos, lembramos o trabalho de Lúcia Santaella, que mostra a progressão e complexificação, a passagem do traço

na pedra por barro, pergaminho, papiro, papel, tela e monitores de computador, a passagem da mão e do dedo, por estilete, pena, pincel, lápis, caneta, teclado etc.

A criação progressiva dos meios está atrelada a raciocínios mais abrangentes e complexos, a um trajeto de preservação e acumulação de saber, a desdobramentos tecnológicos e, sobretudo, a novos modos de vida, conforme, justamente, suportes e meios fazem nossa mediação com o mundo, determinando a cognição, ou a leitura das coisas.

Nesse cenário, é fundamental que lembremos a presença de Marshall McLuhan, pois ela põe em evidência a estreita relação entre forma e conteúdo, na fórmula consagrada que reza a concepção e entendimento da mensagem pautados pela natureza do meio em que ela se manifesta, meio que determinada suas possibilidades de ser e, portanto, suas possibilidades de sentido. Ainda é preciso acrescentar que as possibilidades de sentido estão sempre ligadas aos sentidos dados à vida e aos modos de viver que, como não poderiam deixar de ser, dependem das tecnologias que os mobilizam.

Por tudo isso, a docência que exercemos, ligada às linguagens como é, passa necessariamente pelas TICs, com intenção de, por um lado, mostrar as materialidades que delas sobreveem a partir da utilização e, por outro, de ensinar/experimentar com ocorrências e apropriações específicas que nos coloquem, alunos e professores, em sintonia com aplicativos propícios ao ensino.

Uma das maneiras de realização dessa proposta foi a adoção de uma plataforma wiki, com suas possibilidades hipertextuais na tônica de novos modos comunicacionais, para a realização de todos os trabalhos ao longo dos semestres de ensino.

Ao mesmo tempo em que a prática wiki nos ensina sobre novos modos de interação, ela também nos ensina sobre as limitações possíveis, a partir da própria plataforma. Na dinâmica das produções em conjunto, da autoria compartilhada dos textos, ela nos esclarece sobre acordos de controle, muitas vezes tácitos, para que os usuários possam trabalhar com relativa segurança.

Questões éticas são visitadas no jogo de restrição e controle em benefício da comunidade de usuários que a própria plataforma wiki incita. Justamente pelo aspecto comunitário, questões éticas acabam por serem examinadas em outras plataformas com as mesmas condições.

Das ponderações sobre as mídias sociais, sobre a negociação de códigos de conduta e das ponderações sobre protestos frente a supressões sumárias, como vimos acontecer várias vezes no Facebook, sempre retiramos lições sobre os discursos circulantes e suas formas de emergência. As questões em sala de aula são, afinal, as questões de todos nós numa “aldeia global”.

### 3. DOS MEIOS COMO ABERTURA PARA O ENSINO

Os alunos são introduzidos a diversas plataformas das mídias digitais, pois identificamos a estreita relação hoje entre os processos de criação nas linguagens digitais com aqueles da produção e difusão do conhecimento. A tecnologia tem sido trazida para dentro das salas de aula, bem como participa do modo de vida da maior parte dos alunos. Os alunos chegam para

a sala de aula com uma vivência cotidiana com alguns aspectos destas plataformas digitais, ainda que tais vivências possam ser aprofundadas e problematizadas. Assim, cabe apoiar em sala de aula a exploração das possibilidades destes mesmos recursos digitais para a construção de conhecimento. E não precisamos mais, neste ponto, tratarmos da transmissão de conhecimento simplesmente, mas da construção conjunta possível reforçando o caráter colaborativo do exercício.

Esse aspecto da produção colaborativa é que gostaríamos de salientar como característica a ser explorada em relação às mídias digitais. Trabalhamos com a construção de textos, considerando-os numa perspectiva bem abrangente de modo a abarcar materialidades diferentes. E, mais importante, situamos a chave da relação entre textos (intertextualidade) na formação e circulação de conteúdos na cultura. Salientamos este aspecto para dizer que, no limite, a escrita textual implica um exercício de colaboração. Assim, os sentidos circulantes na cultura desviam da perspectiva de uma possessão autoral dos mesmos. Colocamos em colisão os discursos de autoridade e disciplinares com aqueles de composição coletiva e de pulverização de sentidos.

Agora, mais do que nunca, estamos vendo a transformação de nossas sociedades no que McLuhan chamou de “vila global”, e a era eletrônica da qual ele falou está a pleno vapor, remodelando sociedades e identidades no mundo todo. Para que a sociedade alfabetizada de hoje acompanhe a era da informação, a educação deve se libertar do currículo que é separado por disciplinas (...) [7].

Tendo em vista a dualidade que situamos, consideramos que haja uma divergência relevante que deriva dela: o digital traz, como tônica, o elemento lúdico, enquanto o ambiente do ensino está concentrado na passagem do conhecimento formal e na fala autorizada. Isso nos coloca radicalmente em esferas distintas da produção do conhecimento, que tentamos resgatar: o conhecimento acumulado por tradição e sua renovação em ato, a passagem do conhecimento e sua (re)construção conjunta. O que nos faz estabelecer, por outro lado, uma ponte entre essas duas perspectivas é a própria presença indistinta do suporte nos dois âmbitos e isso os conecta invariavelmente. Entendemos, com McLuhan, que a presença e utilização dos suportes digitais informam a mensagem, tendo voz própria independente dos ambientes em que eles circulam.

Esperamos, com o debate e a experimentação sobre os usos das mídias digitais, também uma maior problematização dos aspectos éticos e técnicos que se cruzam neste exercício. A expectativa é especialmente articulada em torno das possibilidades de realização de um trabalho efetivamente colaborativo, das formas de aquisição e apreensão de conhecimento e das relações com a figura de um possível leitor/usuário. Estas são as principais problemáticas que identificamos quando realizamos somamos da produção técnica com a demanda de produção de conteúdo para a rede.

A ideia de colaboração encontra raiz tanto numa perspectiva mais estrita, de ser um trabalho realizado em conjunto e, portanto cooperativo. E é neste sentido que o desenvolvimento de recursos digitais caminha, para possibilitar essa comunicação conjunta de forma prática e mais rápida. Por outro lado, essa mesma ideia de colaboração encontra raiz nas teorias que entendem o ato comunicativo num sentido mais dialógico (M. Bakhtin). A dialogia presente numa produção é mais do que a

possibilidade técnica do trabalho colaborativo, mas a possibilidade de atualização e agrupamento de posições diversas que habitam um texto. Dessa forma, como um a mais em relação ao desenvolvimento técnico, temos a entrada diretamente no ambiente da linguagem e da atuação de seus mecanismos. Como descreve M. Damiani, podemos tratar a colaboração, dessa maneira, como uma filosofia de vida.

(...) rejeição ao autoritarismo e promoção da socialização, não só pela aprendizagem, mas, principalmente, na aprendizagem. Eles argumentam que a *colaboração* pode ser entendida como uma filosofia de vida, enquanto que a *cooperação* seria vista como uma interação projetada para facilitar a realização de um objetivo ou produto final [8].

Interessa-nos essa relação entre as tecnologias do digital, o autoritarismo e a possibilidade de liberdade de expressão colocada de maneira muito próxima. Voltaremos a ela a seguir. Faz-se necessário, antes, seguirmos nessa linha pensando a produção colaborativa. Nela, destaca-se uma figura híbrida, aquela do leitor-usuário, entendida na produção da obra e no jogo com os caminhos construídos dentro dela. Neste caso, a ideia de um dialogismo se coloca na estrutura da produção para as mídias digitais e pressupõe uma abertura no ponto em que se instala a figura do “eu” narrativo. Ele é colocado entre aquele que lê uma programação oferecida por outrem (posição de leitor) e, ao mesmo tempo, tem a possibilidade de escolher alguns caminhos dentro deste mundo organizado proposto (posição de usuário). Diversas formas dessa abertura para a intervenção do usuário têm sido testadas de modo mais ou menos criativo. Acreditamos que justamente a possibilidade criativa na aquisição e produção de conhecimento acontece, hoje, a partir da organização de como essa participação será dada. Ressaltamos a figura do leitor-usuário como um fator que afeta a relação pedagógica perpassada pelo uso da tecnologia. O que se busca resolver é justamente o espaço de acolhimento daquele que seria o receptor do conhecimento no momento da interação em que esse conhecimento é não só compartilhado, mas formado também.

O fato de que a escritura transpõe nossa memória para fora de nossa mente, fixando-a em suportes, implica na perda do imediatismo do pensamento e na necessidade de uma reflexão que permita transpor nossos argumentos através da interface, seja ela um rolo de papiro ou um computador. Essa separação de pensamentos gera formas mais cuidadosas e reflexivas, ao mesmo tempo em que marca o estranhamento radical entre o autor e seu produto, que, por fim, faz do texto algo independente de quem o escreveu [9]<sup>2</sup>.

Na abertura a que nos referimos, que inclui a participação do leitor, instala-se também uma ambiguidade, apresentada no trecho citado. A geração de um produto que se independe do controle autoral coloca a participação do leitor-usuário entre o controle e a liberdade de expressão. E, nesse caso, consideramos

<sup>2</sup> Do original: “El hecho de que la escritura traslade nuestra memoria fuera de nuestra mente, fijándola en soportes, obliga a la pérdida de la inmediatez del pensamiento y a la necesidad de una reflexión que nos permita trasladar nuestros argumentos a través de la interfaz, sea ésta un rollo de papiro o un ordenador. Esta separación de pensamientos provoca formas más cuidadosas y reflexivas, al mismo tiempo que se marca el definitivo extrañamiento entre el autor y su producto, que a la postre hace del texto algo independiente de quien lo escribió.”

um autor levado à condição de leitor-usuário de sua própria obra.

Diversas pesquisas reconhecem que tal relação com o digital atrelada ao ensino vem transformando o ambiente escolar, especialmente na forma da pesquisa, escrita e organização do trabalho em sala. Preocupando-nos em realizar um estudo que seja especialmente no campo das mídias, devemos inserir, assim, a utilização de tais mídias no cerne da dualidade que eles fazem emergir: aquela da abertura de possibilidades em contraponto ao exercício do controle e da interdição.

Toda história da leitura supõe, em seu princípio, esta liberdade do leitor que desloca e subverte aquilo que o livro lhe pretende impor. Mas esta liberdade leitora não é jamais absoluta. Ela é cercada por limitações derivadas das capacidades, convenções e hábitos que caracterizam, em suas diferenças, as práticas de leitura” [10].

#### 4. MÍDIAS DIGITAIS E A POSSIBILIDADE DE LIVRE EXPRESSÃO

Devemos pontuar, assim, que onde identificamos a maior possibilidade de livre expressão é também o ambiente da renovação do controle. Esta dualidade está na base da produção de conteúdos para as mídias digitais, sua linguagem é tanto maleável, quanto resistente à inclusão. Tal é também o desafio que uma pedagogia inclusiva das mídias digitais deve enfrentar. Por um lado, ela oferece uma mídia para a comunicação que parte do usuário, neste caso, o aluno. Por outro, demanda a revisão da relação com a autoridade que determina a valoração dos conteúdos produzidos, seja tal instância associada à figura do professor ou ao coletivo do grupo de alunos. Nossa experiência se baseia principalmente no trabalho com a plataforma wiki em sala de aula. Testamos a possibilidade da produção colaborativa de textos com alunos de graduação do curso de jornalismo da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo.

Observamos este paradoxo de base em três níveis principais, no nível do código (1), naquele da produção de sentido (2), e naquele dirigido ao usuário (3). Estes são três níveis em que se instalam embates no campo da cultura relacionados à presença do digital. Tais embates estão, todos eles, relacionados às duas questões principais que procuramos trazer aqui: a produção compartilhada de conhecimento nos meios digitais e a assunção de um usuário que é leitor e produtor de informação.

No primeiro dos níveis apontados, o domínio da linguagem oferece um conhecimento concreto do que pode ou não ser executado no âmbito do digital. O conhecimento especializado acaba por determinar uma cisão ou divisão do digital, como ela tem sido nomeada. Ela repete localmente o que se conhece como divisão digital globalizada, tratando-se da inserção ou não de grupos de indivíduo na esfera de utilização da tecnologia. Há uma distância entre o uso das diversas plataformas possíveis e o domínio de diversas linguagens de programação. Aqui inserimos as diversas iniciativas ditas inclusivas, que pretendem alfabetizar para as mídias digitais.

O círculo dos especialistas, dessa forma, é restrito e podemos debater aqui o quanto uma cultura da difusão do conhecimento tem a chance de romper com circuitos disciplinares e de especialidade. Há um embate instalado entre a especificidade de

um campo de conhecimento, que demanda domínio técnico se atualiza constantemente, e o uso geral das tecnologias digitais. Podemos assumir, desta forma, que estamos diante de apropriações possíveis socialmente de alguns traços do domínio digital, mais do que um conhecimento informado de todos. E devemos pensar, então, que as iniciativas de inclusão devem ser debatidas em relação ao nível de contato e apropriação que cada qual pode ter em relação à tecnologia. Dita de forma geral, ela representa um discurso que apela para as possibilidades, mas pode não se efetivar.

Esse terreno da internet evidencia que a tecnologia passa a ser, ela mesma, um componente político fundamental, sobre o qual se dá parte dessa batalha entre competição e colaboração. Dependendo da forma como é arquitetada essa tecnologia, dependendo dos códigos, dos aplicativos e protocolos utilizados, está se condicionando o uso dessa tecnologia [11].

No segundo nível, aquele da produção de sentido, identificamos resistência na forma como os conteúdos produzidos são hierarquizados na rede. Quando anunciamos uma possibilidade de atuação e publicação massiva, fazendo contraponto temos o paradigma de uma ordenação e de uma hierarquização de conteúdos. Diante da quantidade e da pulverização, a produção de sentido é restrita a campos, mais uma vez, específicos de visibilidade. Estamos diante da tentativa de controle sobre a mensuração de dados e as promessas de uma *digital analytics*. Tratamos de uma cultura da difusão de conhecimento proporcionada pelas mídias digitais. No entanto, defendemos que o âmbito da produção de sentido reserva seu lado insondável. As marcas colocadas sobre cada produção feita para as mídias digitais é dependente das dinâmicas na cultura em que elas estão inseridas. Podemos dizer, nos termos das teorias em que nos fundamos, da prevalência e da permanência dos discursos circulantes.

Fazemos, então, uma passagem do âmbito da produção de sentido para aquele da tomada do usuário dentro das produções digitais. Para isso, ousamos estender nosso raciocínio a um campo específico e que não teria relação direta com o nosso tema, a não ser por uma ação de ausência. Podemos dizer que se trata de uma relação de ausência fundante, aquela do corpo que falta, mas determina os sentidos dos usos tecnológicos.

Isso não quer dizer, no entanto, que todas as práticas tenham o mesmo efeito. Trabalhar com diferentes textos, imagens, livros, revistas, filmes, desenhos, etc., apresentando diversos corpos, de diferentes idades, gêneros, orientações sexuais, religiões, povos do mundo, que têm diferentes modos de se vestir, de se alimentar, de lidar com as doenças, etc., bem como ouvir o que as alunas e os alunos pensam sobre os seus corpos e os dos outros, confrontando essas idéias de corpo com aquelas representações que são apresentadas nas mídias, parece-me ser bastante diferente de se limitar a trabalhar somente com o livro didático, seguindo religiosamente a sua organização, sua ênfase na anatomia e na fisiologia (na interioridade do corpo, em sua segmentação em órgãos, aparelhos, sistemas, etc.). Os livros-didáticos freqüentemente apresentam um corpo que não tem sexo, gênero, idade, religião; um corpo que não sente necessidades, não come, não fala...Enfim, um corpo que deixa de ser humano e passa a ser didático [12].

Assim, se o sentido da produção cultural nos escapa, o limite para esta ausência é aquela da relação com o corpo. Trata-se de uma resistência que identificamos, aquela da tomada de tal

corpo para dentro do digital, como um caso de possessão. Mais especificamente, da tomada do corpo de um usuário. As formas de uso são determinadas na interatividade com os aparatos técnicos. Na medida em que eles se desenvolvem para serem cada vez mais inclusivos de tais corpos, determinam de que tipo de corpos se trata. Mas importante, determina-se o recorte possível sobre tais corpos a partir dos princípios válidos numa cultura tecnológica.

O que tentamos apontar é que das linguagens de programação, passando pela produção de sentido a partir de suas materialidades e chegando ao que se espera como posicionamento do corpo, estamos num ambiente codificado. E ele é codificado não apenas nos termos das linguagens de programação disponíveis à criação, mas nos termos de uma cultura que se distende entre a possibilidade de criação e a necessidade de restrição e controle.

Tal é o código de uma cultura tecnológica, tal é a fusão que pode unir no debate os parâmetros das ciências humanas e sociais e as ditas ciências exatas. Os desafios se colocam assim para que o trabalho com tecnologia nos ambientes educacionais seja feito não apenas como apoio para a visualização de conteúdos, mas que seja determinante como suporte desta produção mesma: aquele que é ele mesmo a mensagem a ser apresentada e não poderia ser pensado de outra forma. Assim, estes os três níveis que mencionamos se reúnem. Não são mais algo da ordem do insondável e da restrição, mas algo que pode ser transmitido e que faz parte da prática profissional para a qual a formação pretendida se destina.

## 5. REFERÊNCIAS

- [1] Lyotard, JF. L'inhumain, Causeries sur le temps. Paris: Galilée; 1988.
- [2] Chomsky, N. Linguagem e mente. Brasília, UNB; 1998.
- [3] Bourdieu, P. O poder simbólico. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil; 2001.
- [4] Deleuze, G. Lógica do sentido. São Paulo, Perspectiva; 1998.
- [5] Charaudeau, P. Discurso das mídias. São Paulo: Contexto; 2010.
- [6] Foucault, M. Microfísica do poder. Rio de Janeiro, Graal, 2001.
- [7] Kellner, D; Share, J. Educação para a leitura crítica da mídia". *Educ. Soc.*, 2008, 104 (29): 687-715. Disponível em: <http://www.cedes.unicamp.br>.
- [8] Damiani, MF. Entendendo o trabalho colaborativo em educação e revelando seus benefícios. *Educar*, 2008, 31: 213-30.
- [9] Vianello Osti, M. El hipertexto entre la utopia y la aplicación: identidad, problemática de tendencias de la web. Gijón: Trea, 2004: 73-93.
- [10] Chartier, R. A aventura do livro: do leitor ao navegador. São Paulo: Unesp; 1995.
- [11] Brant, J. O lugar da educação no confronto entre colaboração e competição. In: Pretto, N, Silveira, S (org.). Além das redes de colaboração: internet, diversidade cultural e tecnologias do poder. Salvador: EDUFBA; 2008.
- [12] Santos, LHS. O corpo que pulsa na escola e fora dela. In: Ribeiro, PRC et. al (org.). Corpo, gênero e sexualidade: discutindo práticas educativas. Rio Grande: Editora da FURG; 2007.
- [13] Deleuze, G; Guattari, F. Mil platôs. Capitalismo e esquizofrenia. Vol. 1. Rio de Janeiro: Editora 34; 1995a.

- [14] Deleuze, G; Guattari, F. Mil platôs. Capitalismo e esquizofrenia. Vol. 2. Rio de Janeiro: Editora 34; 1995b.
- [15] McLuhan, M. Os meios de comunicação como extensões do homem. São Paulo: Cultrix; 1974.
- [16] McLuhan, M. Visão, som e fúria. In: Teoria da cultura de massa. Rio de Janeiro, Saga; s/d.
- [17] Moscovici, S. Representações sociais. Investigações em psicologia social. Petrópolis: Vozes; 2003.
- [18] Ricoeur, P. Tempo e narrativa (tomo 1). Campinas: Papirus; 1994.
- [19] Santaella, L. Cultura das mídias. São Paulo: Experimento; 1996.